

O Instante

TAYNÁ BAUER

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V. 7, N. 1, 2023)

O Instante

Tayná Bauer

Lembro-me de quando o olhar ainda era de uma criança; outros olhos, outros tempos. Olho para aqueles olhos pequenos, ainda inocentes e vejo-me, naquele olhar, encarando a noite, acariciando a curiosidade, segurando o peso do medo que não me deixava penetrar na escuridão. Era uma noite colossal, que não esperava pelo dia. Estava cheia, exatamente como o dia. As árvores, os pássaros, as folhas, a terra: tudo estava lá, sendo engolido pelo véu umbroso da noite. Meus olhos de criança se direcionavam para tudo, mas só enxergavam o vazio. Eu sabia do breu do meu quarto, que se prolongava até o corredor...Entretanto, era a primeira vez que olhava para as profundezas opacas daquele lugar aberto, naquele exato momento, no qual o escuro se esforçava para se entranhar cada vez mais. Era possível a escuridão escurecer mais?

O medo sabia que existia um limite na troca de olhares que acontecia entre mim e a noite. Mas era um momento condenado pela curiosidade da primeira vez em contato com aquele vazio abissal. Conversávamos, eu e a noite, com nossos olhos se entrelaçando suavemente. Parada, estática, inerte, encarava o vazio espaço, onde tudo havia. Assim como a noite robustecia as trevas, meus olhos se espremiavam para se concentrar num ponto que culminava em tudo. A troca exigia que eu me embrenhasse no véu, e eu só ansiava me alimentar das sombras agravadas pela falta do luar. Meus olhos me puxavam, empurravam-me, puxavam-me, empurravam-me. Nossos olhos se mastigavam.

A noite sabia, eu sabia. Pela primeira vez, eu sabia que estava apertando as mãos daquela escuridão. Os olhos se lançavam enquanto meu corpo esquentava, estremecia, arrepiava. Aquele cenário tão conhecido e desconhecido me tocava. A noite me encarava, eu a encarava. Estávamos condenadas, emaranhadas. Tudo o que eu queria era mais um segundo de olhares. Tudo o que a noite

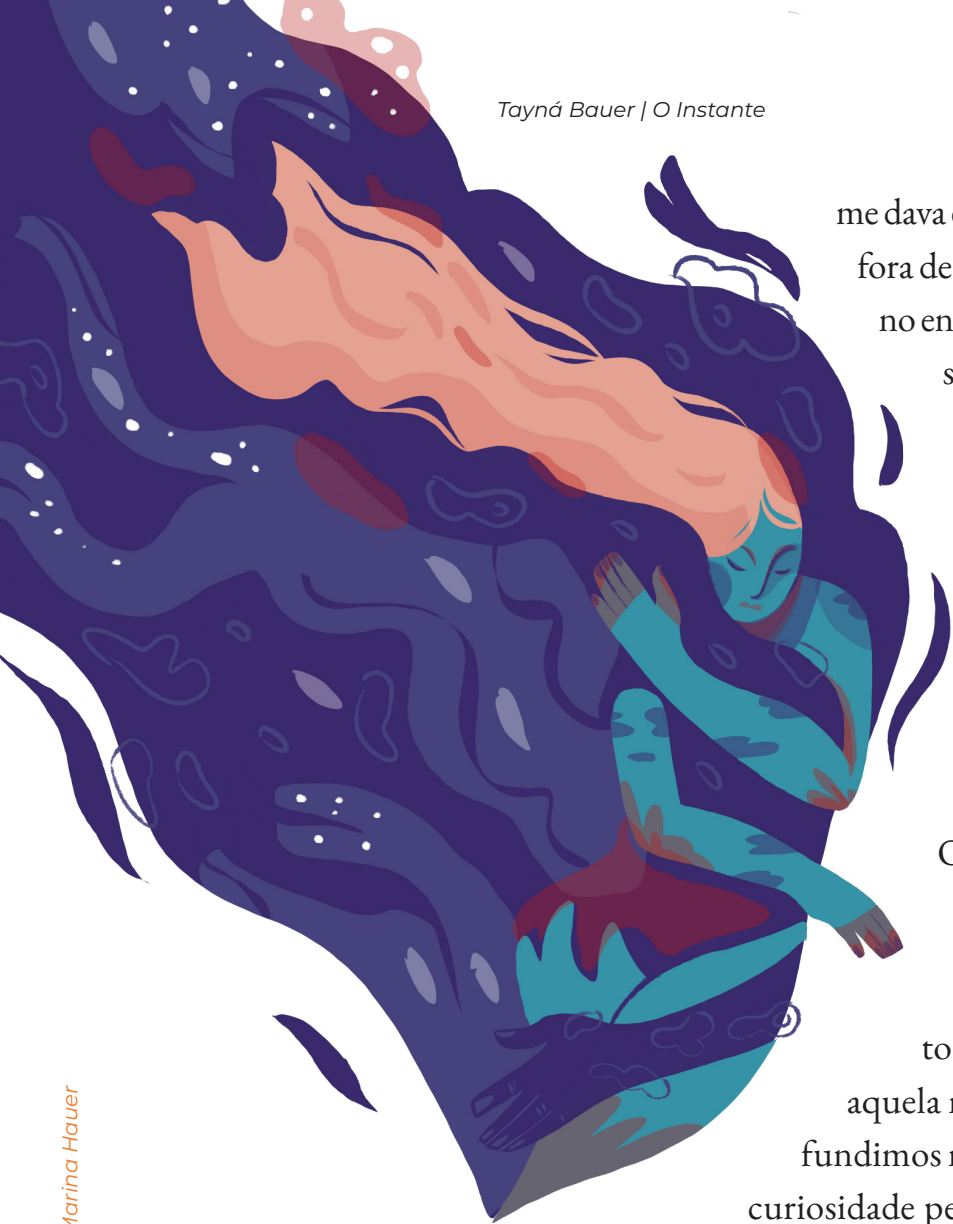


Ilustração de Marina Hauer

me dava era um manto obscuro e secreto, que fora de mim, me adentrava. O medo tácito, no entanto, gritou. O limite se mostrou. O segundo eu já não tinha mais. Meus olhos me viram nas trevas. Eu estava lá, olhava-me. A noite me tinha e eu corria ao encontro dos meus olhos. Foi um espanto, um toque ácido na minha pele, um soco no meu coração. Quando me vi no vazio da noite, desviei o olhar e corri para longe. Longe de mim. O medo nos atropelou.

Hoje nos encontramos no quarto, nos corredores, nos becos, em todos os lugares. Aquele momento, aquela noite agarrou-me, eu a agarrei: nos fundimos num segundo de intensa e deliciosa curiosidade pelo desconhecido. Eu conheci a escuridão, ela me conheceu, eu me conheci. Hoje, quando a encontro, nossos olhares se encaram com desejo: tudo o que vejo é aquela noite, tudo o que sinto é o instante que antecedeu o medo.

Sobre a autora

Tayná Bauer é graduanda de Letras na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Possui como foco a pesquisa acadêmica na área de Teoria Literária e, além de textos literários, produz pinturas em aquarela. Seu e-mail para contato é tayna.bauer10@gmail.com.